

## José Paulo Bisol

Homem de TV, político por indignação, fez uma campanha polêmica e saiu senador batendo políticos de nome na eleição

Com uma carreira política "feita toda de acasos", José Paulo Bisol, porto-alegrense, desembargador aposentado e ex-apresentador do programa TV Mulher, da Rede Brasil Sul de Comunicações, chega ao Senado pelo PMDB, aos 58 anos de idade, convicto de que "esta é a última oportunidade histórica de se transformar o Brasil sem convulsão, sem revolução". "Não sou político por vocação, sou político por indignação", define, tomando emprestada a Darcy Ribeiro uma frase que diz adorar.

Seu primeiro mandato, de deputado estadual, foi obtido praticamente sem campanha. Convidado "à última hora" por amigos, não tinha dinheiro para investir em política e, além disso, "não entendia nada daquilo". Depois, o partido praticamente o obrigou a concorrer a uma vaga no Senado. Obrigou e pouco ajudou — até pelo contrário. "Eu

concorri à mesma vaga que Odacyr Klein", explica. Assim, disputando com um político que acabava de deixar a presidência regional do PMDB, não teve maior apoio: "Quase todos os diretores fizeram campanha para Odacyr", conta. Assim, estava destinado a arrebatar votos com seu prestígio para eleger o colega, mas sua candidatura foi se solidificando e a vaga acabou ficando com ele mesmo. A ponte para a Constituinte foi sua atuação em TV, rádio e jornal.

Sua preocupação básica é a de ajudar a criar "um instrumento de transformação do Estado e da sociedade". Nesta linha, é um firme defensor da soberania, sem a qual "não haverá Constituinte, mas mera assembléia de regulação constitucional", enfatiza, lembrando que isto significaria promulgar uma carta que manterá o status quo.

## Prisco Vianna

Jornalista, rompido com Antônio Carlos na Bahia, ficou do lado de Maluf sem perder a grande amizade com o presidente Sarney



Em sua época áurea, a extinta Arena, mãe legítima do PDS, contava no miolo de seu ataque com uma dupla arrasadora que, ocupando a presidência e a secretaria-geral do partido, jogava por música: o presidente da República José Sarney e o deputado Prisco Vianna, hoje armando no moderado meio de campo do PMDB.

Homem de faro apurado, jornalista de profissão, Prisco Vianna, que viu-se na contingência de divergir politicamente de Sarney no episódio da sucessão de Figueiredo por total incompatibilidade com o Ministro Antônio Carlos Magalhães, que apoiou Tancredo Neves, ofereceu no recente episódio da tentativa de aprovação do regimento da Constituinte renovada prova de seu desempenho.

— Não vai haver número suficiente para a votação do substitutivo do senador Fernando Henrique Cardoso — vaticinou,

sentado na última fileira de poltronas do plenário da Câmara, cercado por jornalistas, quando o líder Luiz Henrique pediu verificação de quorum.

Homem de falar cuidadoso, Prisco Vianna, que já na Nova República, como líder do seu ex-partido, desempenhou tarefas providenciais para o Palácio do Planalto, é acima de tudo um experiente intérprete da legislação eleitoral e do regimento da Câmara. Qualidades que, para insatisfação de peemedebistas históricos, lhe permitiram desfrutar da intimidade do presidente do partido, o deputado Ulysses Guimarães.

Baiano de Caetitê, geminiiano nascido no dia quatro de junho de 1932, Prisco Vianna, primeiro assessor de imprensa do Governo da Bahia a ter status de secretário de Estado na gestão de Luiz Vianna Filho, tem hoje, porém, uma ambição que não revela.

## Maguito Vilela

Vereador em 76, líder de Iris Rezende na Assembléia goiana, é da ala progressista do PMDB e diz ser do "lobby do povo"

Luiz Alberto Maguito Vilela (PMDB-GO), 36 anos, é o primeiro deputado federal da cidade de Jataí, de onde recebeu a metade dos 37.672 votos que o elegeram constituinte. Iniciou sua vida pública em sua cidade natal, como vereador eleito em 1976. Foi ainda deputado estadual (1982-86) e líder do governo enquanto Iris Rezende foi governador. Um dos nomes da ala progressista do PMDB, Maguito Vilela foi escolhido vice-líder da Constituinte, pela bancada goiana, recebendo 8 dos 10 votos parlamentares.

O constituinte considera que o Parlamento vem exercendo sua função de discutir e debater os diferentes temas que se apresentam e acha, neste sentido, natural que os confrontos políticos aconteçam. Ele espera, no entanto, que a Assembléia encontre o caminho de fazer a Constituição que o povo aguarda. "Se isto não acontecer", adverte,

"os eleitores e o povo em geral se sentirão extremamente frustrados e dificilmente a classe política resgatará sua credibilidade e seu prestígio".

Para Maguito Vilela, a formulação da nova Constituição pode ser considerada como "a última esperança do povo". Ele lembra que desde 1822 os brasileiros vêm vivendo de frustrações, esperando sempre que surja uma forma legal de garantir seus direitos.

Formado em Direito, com especialização na área criminal, considera ainda que o alto índice de criminalidade existente no País se deve a toda uma realidade que envolve problemas de ordem social, que atingem a população de um modo geral.

Eleito pela juventude e por uma parcela da classe trabalhadora de Goiás, não veio à Assembléia para defender nenhum ponto de vista pessoal. "Vou defender sempre o ponto de vista do povo",